

A percepção da paisagem no campus da PUCRS

The environmental perception in the landscape of PUCRS

Chalissa Beatriz Wachholz. PUCRS (Brasil).

Resumo

Em português ou galego. Este trabalho compreende o Campus Universitário como um espaço complexo, plural e dinâmico de inter-relação entre o conhecimento, os sujeitos que por ele transitam e os elementos naturais que o compõem e elege o campus da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como objeto de estudo. Seu objetivo foi identificar em que medida o campus universitário da PUCRS, que tem sido objeto de políticas de ambientalização pela administração superior da instituição, é percebido pelos seus usuários como uma paisagem que inclui elementos naturais e busca nortear-se pelos objetivos da sustentabilidade ambiental. Foi também um objetivo deste estudo discutir, a partir das contribuições da educação ambiental e da psicologia ambiental, estratégias que poderiam ser sugeridas para o fortalecimento das relações pessoa-ambiente neste campus universitário. A metodologia utilizada nesta pesquisa consistiu em revisão bibliográfica e na elaboração de uma trilha de interpretação ambiental pelo campus da PUCRS, direcionada para alunos de graduação e pós-graduação, buscando despertar outro olhar sobre o campus e evidenciar as boas práticas ambientais desta universidade. A partir desta intervenção, concluímos que aproximar os estudantes dos elementos socioambientais do campus fez com que estes se apropriassem mais desta paisagem, sentindo-se parte dela, despertando para a sustentabilidade.

Abstract

This work includes the university campus as a space complex, plural and dynamic interrelationship between knowledge, subjects who pass by it and the natural elements that compose and elects the campus of the Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul as object of study. Its aim was to identify how much the PUCRS campus, which has been the subject of greening policies by senior management of the institution, is noticed by its users as a landscape that includes natural elements and search guided by the goals of environmental sustainability. It was also an objective of this study discuss, based on the contributions of environmental education and environmental psychology, strategies that could be suggested for the strengthening of person-environment relationships in this campus. The methodology used in this research consisted of a literature review and developing a trail of environmental interpretation at PUCRS campus, targeted to undergraduates and graduate students seeking awakening another look at the campus and demonstrate good environmental practice of this university From this action, we conclude that approaching students from the campus environmental elements caused them to appropriate more of this landscape, feeling part of it, waking up to sustainability.

Palavras chave

Educação ambiental; sustentabilidade na universidade; percepção ambiental.

Key-words

Environmental education; sustainability at the university; environmental perception

Introdução

Os problemas ambientais estão cada vez mais presentes nas discussões científicas, éticas e políticas de nossa época, sintetizadas em uma questão fundamental: o conflito entre o homem e ambiente. A exploração dos recursos naturais pelo homem ameaça hoje a sua própria existência e no decorrer das últimas décadas, a pressão sobre o cenário ambiental global veio a tona, reforçando um apelo comum pelo desenvolvimento sustentável.

Muitas reflexões ambientais, sociais, culturais e econômicas se desenvolvem nas Universidades e o avanço do conhecimento científico, da pesquisa, do poder tecnológico emergido nas Universidades, exige novos paradigmas educacionais diante dos novos contextos ambientais. É função da Universidade formar cidadãos críticos, reflexivos, éticos e capacitados para atuarem em uma sociedade cada vez mais exigente (BEHRENS, 1999 apud STACHESKI et al, 2009, p.2), pois para Avalos (1992, apud MOREIRA e KRAMER, 2007, p. 1038) *“uma educação de qualidade capacita o indivíduo a se mover da situação de viver restritamente seu cotidiano, para tornar-se*

ativo na mudança de seu ambiente. Para isso, é indispensável uma compreensão acurada da realidade em que se insere”.

Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados da dissertação de mestrado da autora, o qual tentou compreender como os usuários do campus da PUCRS compreendem este cenário, seus aspectos naturais de fauna e flora e os projetos ambientais realizados nas diferentes unidades acadêmicas, como parte do processo de ambientalização desta Instituição. A metodologia utilizada para esta pesquisa consistiu em três principais etapas, sendo a primeira uma revisão bibliográfica e observação do espaço onde o campus da PUCRS está inserido, bem como uma pesquisa acerca das principais ações ambientais trabalhadas na Universidade. Após esta etapa inicial, o segundo passo foi a elaboração de uma trilha de percepção e educação ambiental com duração média de 40min, realizada com alunos de graduação e pós-graduação, abordando os aspectos de fauna e flora e os componentes físicos deste percurso, sendo estes últimos compostos pelos prédios e outros espaços construídos

que abrigam estudantes, pesquisadores ou profissionais que desenvolvem algum tipo de projeto voltado para a sustentabilidade.

Esta trilha foi antecipada por um questionário, com o objetivo de conhecer um pouco dos participantes e seus comportamentos ambientais dentro do ambiente acadêmico, seguido de uma breve apresentação em data show com fotos de diferentes etapas da transformação do campus da PUCRS, a fim de que os alunos pudessem ter uma noção do quanto este espaço foi remodelado ao longo dos anos.

Da mesma forma que um questionário antecedeu a trilha, um breve comentário sobre a atividade foi proposto ao final da mesma, cujo encerramento foi feito embaixo de uma árvore Figueira situada em frente ao prédio da Faculdade Educação. Durante as trilhas, foi observada a reação dos alunos durante o percurso, o interesse que demonstravam pelas informações prestadas e o envolvimento nos debates. Os comentários escritos ao final da trilha

foram analisados separadamente, contribuindo com os resultados desta pesquisa.

Esta atividade foi realizada com os alunos de três turmas de duas disciplinas, sendo uma do Programa de Pós-Graduação e outra de graduação, ambas da Faculdade de Educação, totalizando 85 alunos participantes. Todas as trilhas foram realizadas no período da noite, devido a disponibilidade das turmas.

O Campus

A PUCRS é uma Universidade privada, localizada na cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul – Brasil e possui um campus urbano com mais de 55 hectares, com uma ampla área verde, muitos recursos paisagísticos, sombra e frutas, uma variedade de espécies de fauna, bem como agradáveis espaços para estudo, lazer e integração.



Fotografia 1. Campus PUCRS.



Fotografia 2. Faculdade de Educação

A infra-estrutura completa permite atender aos mais de trinta mil alunos, 1500 professores e cinco mil técnicos administrativos, incluindo o Hospital São Lucas. Sua área construída é ampla, superando 350 mil m², onde funcionam 22 faculdades, dez institutos, oito órgãos suplementares e uma imensa e moderna biblioteca. São oferecidas 55 opções de cursos na graduação.

Movimento e Percepção

Com o ritmo acelerado dos dias atuais, a maioria das pessoas que chegam na Universidade não se permite observar a paisagem e desfrutá-la enquanto caminha, ou por falta de tempo, ou por falta de hábito. Entram no campus e em poucos minutos estão em suas Faculdades, sempre pelo mesmo caminho.

Nossas respostas ao meio ambiente são, contudo, determinadas não tanto pelo efeito direto e sensações captadas pelo nosso sistema biológico, mas, antes, por nossa experiência passada, nossas expectativas, nossos escopos e pela interpretação individual de nossa experiência perceptiva. Assim, os mundos - interior e exterior - estão sempre interligados no funcionamento de um organismo humano, interagindo e evoluindo juntos.

O filósofo MERLEAU-PONTY, que critica a tradição do pensamento objetivista

contemporâneo desde uma perspectiva fenomenológica, busca romper com a dicotomia essência e existência, mostrando como os sentidos do mundo encontram-se na existência, definindo as coisas percebidas. Para este autor, percepção é sempre consciência perceptiva de alguma coisa e nela não se pode separar o sujeito e o objeto. Para ele

Construímos a percepção com o percebido. E, como o próprio percebido só é evidentemente acessível através da percepção, não compreendemos finalmente nem um nem outro. Estamos presos ao mundo e não chegamos a nos destacar dele para passar à consciência do mundo. Se nós o fizéssemos, veríamos que a qualidade nunca é experimentada imediatamente e que toda consciência é consciência de algo. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 26).

Ele considera seu próprio corpo como seu ponto de vista sobre o mundo. Dessa forma, ele tem consciência de seu corpo através do mundo e tem consciência do mundo devido a seu corpo.

A experiência da percepção nos coloca numa relação íntima e constante com o mundo vivido. Isso nos faz notar que a percepção não é um processo fisiológico isolado, mas uma base onde os atos como ver, caminhar, rir, chorar, abraçar, dentre outros, se sustentam e interligam-se como uma teia de fios fortemente tramada. A percepção, portanto, está intimamente relacionada à atitude corpórea e essa pers-

pectiva ancora-se num ponto essencial - o movimento.

Corpo e consciência não são causalidades diferentes, mas uma unidade representada pela dinâmica da experiência do corpo em movimento. O corpo assim compreendido revela o sujeito que percebe assim como o mundo percebido. (MERLEAU-PONTY, 1999).

Tim INGOLD (2010) afirma que o movimento corporal de um praticante é, ao mesmo tempo, “um movimento de atenção; porque ele olha, ouve e sente, mesmo quando trabalha”. E este movimento responde contínua e fluentemente a mudanças do ambiente percebido. Ingold, assim como MERLEAU-PONTY, aproxima sua teoria da fenomenologia e afirma que conhecer não é o resultado da aquisição das representações, mas da disposição dos sujeitos no mundo de forma a forjar certas habilidades a partir desta relação.

Para este autor, a caminhada é parte da configuração humana, pois implica movimento, deslocação corporal e o nosso corpo é um intermédio entre o ser (eu) e o mundo. É por meio dele, através dos órgãos sensitivos, que vivemos a experiência de uma relação com o mundo. Se os corpos sentem e dão sentido ao mundo à medida que se deslocam, o movimento corporal nos instiga a compreender como é que os indivíduos enquanto indivíduos sociais móveis constroem e reconstroem narrativas acerca do meio em que estão

inseridos e como este movimento pode agregar na construção de comportamentos pró-ambientais a partir da educação do olhar ao meio que nos circunda.

De uma forma geral, a reflexão filosófica tem por objetivo esclarecer o que significa para o homem existir em sentido próprio. Sob o ponto de vista fenomenológico, a existência é o fenômeno originário do qual é possível lançar luz sobre a totalidade das coisas e situando-as a partir desta.

Neste sentido, a realização de uma trilha pelo campus buscou sensibilizar os caminhantes para o ambiente, ampliando a percepção deste espaço e (re)construindo comportamentos pró-ambientais. Durante os 45 minutos da trilha pelo campus, a atenção dos participantes era direcionada ao movimento de seus corpos em meio a paisagem universitária e convidada a permanecer nesta paisagem, nos sons do campus, nas árvores, nos jardins. E foi esta educação da atenção que mostrou aos participantes, um campus que eles ainda não conheciam.

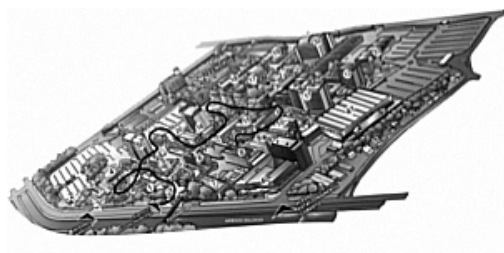


Figura 3. Percurso dentro do campus

Durante a caminhada, os participantes eram convidados a olhar para as inúmeras árvores identificadas com placas informativas da espécie, para as árvores frutíferas, bem como para a diversidade de plantas ornamentais distribuídas pelo caminho. Há perceber as plantas e seus polinizadores numa relação íntegra, colorida e harmônica. Com a intenção de integrar humanos e não humanos, foi entregue alguns exemplares do livro “Guia prático das Plantas ornamentais do Campus da PUCRS”, escrito por um professor de biologia da Universidade, o qual permite conhecer todas as plantas do campus.

Aliando o papel da Universidade frente as problemáticas ambientais a esta atividade, o percurso incluía as Faculdades e laboratórios que desenvolvem trabalhos e projetos na área ambiental. Desta forma, os alunos passavam a conhecer não só os jardins do campus, mas também os projetos de energia solar e eólica, o laboratório de eficiência energética da faculdade de Engenharia, o equipamento de coleta de medicamentos vencidos, da Farmá-

cia Universitária, os telhados verdes em alguns edifícios, a coleta seletiva de resíduos e a preocupação da Instituição com esta temática e demais atividades sustentáveis da Universidade, com equipes multidisciplinares.

A atividade era finalizada abaixo de uma grande árvore, onde os participantes podiam comentar sobre sua experiência e do que mudou na percepção de cada um sobre o campus. Neste momento, também falávamos sobre como incorporar atitudes pró-ambientais no dia a dia do campus.

Análise dos questionários

O questionário que antecedeu a caminhada era composto por doze afirmações, onde os participantes deveriam optar por assinalar uma resposta de zero a cinco, indicando a frequência com que eles realizavam estes comportamentos. As respostas correspondiam a: 0 = nunca, 1 =



Figura 4. Trilha em pausa no Bicletário da Universidade



Figura 5. Pausa no movimento: Momento para discutir a paisagem do campus

muito pouco, 2 = pouco, 3 = razoável, 4 = bastante e 5 = sempre.

Na primeira afirmação, *“Caminho pelo campus sempre que venho à Universidade, procurando rotas diferentes para chegar ao local desejado*, o maior número de respostas foi “nunca” e “muito pouco”, confirmando o que já discutíamos durante a elaboração da trilha, que a maioria dos usuários está condicionado a chegar na Universidade e ir diretamente ao seu local de destino, ou seja, sua Unidade Acadêmica, procurando, muitas vezes, caminhos mais curtos otimizando o tempo.

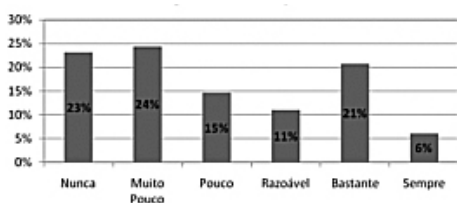


Gráfico 1: Caminho pelo campus sempre que venho à Universidade, procurando rotas diferentes para chegar ao local desejado

Já na segunda afirmação, *“Costumo observar, enquanto caminho, a ornamentação dos jardins do campus”*, o resultado sofreu uma diferença em comparação com a primeira, pois mostra, conforme o gráfico abaixo, que, por mais condicionados que os usuários estejam a traçar um mesmo caminho durante um longo período, a maioria deles observa os jardins do campus.

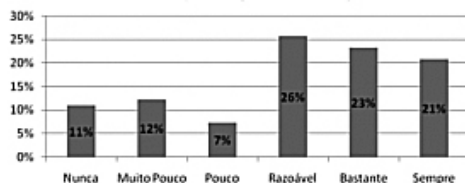


Gráfico 2: Costumo observar, enquanto caminho, a ornamentação dos jardins do campus

A terceira afirmação, *“Identifico algumas plantas e aves que vejo pelo campus”* apresentou um gráfico mais equilibrado conforme mostrado abaixo, onde um pequeno número de participantes respondeu sempre.

Para esta questão era esperado este tipo de resultado, uma vez que reconhecer espécies de fauna e flora é algo difícil para quem não é de uma área como ciências biológicas ou agrárias. O conhecimento empírico também é importante nesta questão, onde muitas espécies são reconhecidas por sua popularidade em jardins domésticos, praças e demais locais.

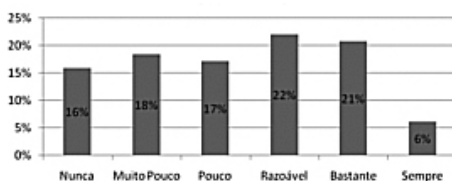


Gráfico 3: Identifico algumas plantas e aves que vejo pelo campus

A quarta questão, *“Costumo relaxar nas horas vagas entre as atividades, nos espaços verdes da Universidade”* teve uma porcentagem relevante de respostas negativas. No entanto, é importante ressaltar

aqui que o termo “relaxar” remete a algum momento de descanso, de pausa no movimento acadêmico, o que não é algo comum de acontecer entre alunos e funcionários de uma universidade.

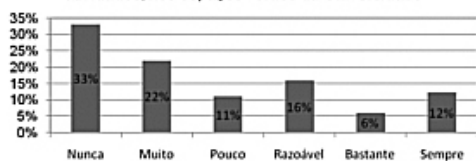


Gráfico 4: Costumo relaxar nas horas vagas entre as atividades, nos espaços verdes da Universidade

No gráfico cinco, atendendo os resultados da quinta afirmação, que complementa os resultados da questão anterior, tivemos um número muito alto de respostas “nunca”, totalizando 50% conforme detalhado no gráfico abaixo. Fica evidente aqui, a partir destas duas questões (4 e 5), que os usuários pouco usufruem o campus para deleite, mantendo os jardins como algo apenas estético e não como locais para usufruto.

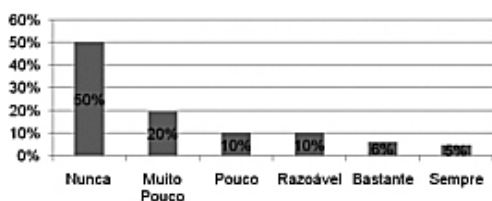


Gráfico 5: Faço leituras usufruindo dos gramados e das sombras das árvores

Na sexta afirmação do questionário “Quando posso, como as frutas das árvores do campus”, tivemos o maior número de respostas “nunca”, totalizando 89% e uma

porcentagem nula para a opção “sempre”, conforme a descrição do gráfico abaixo. Este também era um resultado esperado, já que poucos usuários do campus sabem da existência de árvores frutíferas neste espaço. Muitos dos participantes levantaram a questão acerca dos seguranças do campus, afirmando ficarem receosos quanto a pegar as frutas com medo de alguma advertência dos mesmos.

No campus desta universidade há mais de dez espécies diferentes de árvores frutíferas, espalhados por todo o espaço. É possível encontrar, em suas determinadas épocas de frutificação, frutas como: manga, ameixa amarela, jaboticaba, jabolão, goiaba, laranja, romã, bergamota, limão, entre outras.

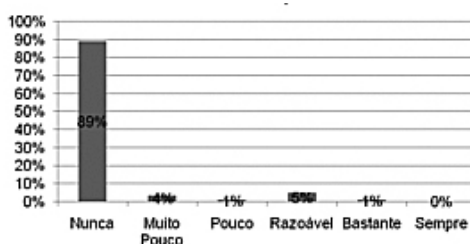


Gráfico 6: Quando posso, como as frutas das árvores do campus

Saindo um pouco dos aspectos naturais, a sétima questão “Observo os espaços físicos do campus (prédios) e sua arquitetura” nos mostra um resultado diferente do que foi visto até agora, numa predominância de respostas mais positivas, mostrando que muitos usuários observam a arquitetura do campus, assim como acontece com os jardins, visto na questão dois.

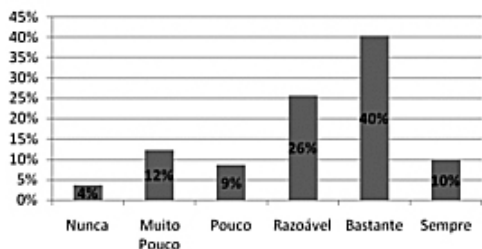


Gráfico 7: Observo os espaços físicos do campus (prédios) e sua arquitetura

Partindo para afirmações que referem-se mais ao comportamento ambiental dos participantes, a afirmação “Separo os resíduos que gero, utilizando as lixeiras disponíveis pelo campus” mostrou um resultado surpreendente, com 70% de respostas para a opção “sempre”. Esse é um dado bastante importante, pois confirma a utilidade das lixeiras para resíduos secos e orgânicos espalhadas pelo campus.

Em todas as trilhas realizadas, quando abordava a questão da preocupação da universidade com relação a reciclagem, fui questionada sobre o recolhimento dos resíduos das lixeiras do campus. Muitos alunos questionaram sobre a junção dos resíduos das duas lixeiras num único recipiente no momento do recolhimento feito pela equipe da Prefeitura Universitária.

A explicação dos responsáveis para este fato é que algumas lixeiras possuem em seu interior um saco da mesma cor do recipiente fixo, que é retirado inteiro no momento da coleta. Os recipientes que não possuem este saco têm muitas vezes seus resíduos misturados com os resíduos das

outras lixeiras, no entanto, este montante de resíduos é posteriormente triado e devidamente separado conforme sua classificação. A PUCRS, através do RECI-PUCRS, direciona seu resíduo orgânico para o transbordo do Departamento Municipal de Limpeza Urbana – DMLU, na Lomba do Pinheiro, nesta cidade e os resíduos secos para Associação de Reciclagem Passo dos Dornelles, em Viamão (Santoriny Ambiental).



Gráfico 8: Separo os resíduos que gero, utilizando as lixeiras disponíveis pelo campus

A questão nove “Evito consumir bebidas em copos descartáveis nos bares do campus que frequento” gerou alguns olhares de espanto na hora de responder. Era possível escutar expressões como “Nossa, nunca pensei sobre isso!”, ou “Tu já lembrou de pedir café na xícara?” para o colega ao lado. Contudo, o gráfico abaixo nos permite concluir que o número de usuários que lembram de pedir um recipiente retornável ao de isopor ou plástico é considerável, perto daqueles que nunca pensaram sobre esta possibilidade. Não há aqui uma disparidade muito alta entre “nunca” e “sempre”, embora a soma das respostas muito pouco e pouco seja maior que a soma das opções razoável e bastante.

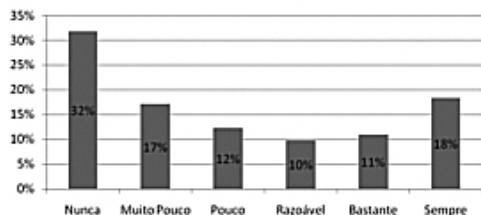


Gráfico 9: Evito consumir bebidas em copos descartáveis nos bares do campus que frequento

De fato, ao pedir alguma bebida como chá ou café em um bar ou restaurante universitário, lembrando de solicitar que o recipiente seja uma xícara retornável e não um copinho de isopor ou plástico é pouco comum, não só dentro do espaço acadêmico. Se não há uma sugestão que parte do atendente, dificilmente alguém, que não esteja inserido num contexto ambiental (profissão, estudo ou afetividade pelo ambiente) ou tenha um estilo de vida mais sustentável, vai ter esta preocupação.

Na décima afirmação “Desligo as luzes e/ou ventiladores quando sou o(a) último(a) aluno(a) a sair da sala”, houve, surpreendentemente, uma porcentagem muito significativa de respostas que foram positivas. 96% dos participantes da trilha têm ou tiveram esta preocupação em algum momento em sala de aula, conforme nos mostra o gráfico abaixo.

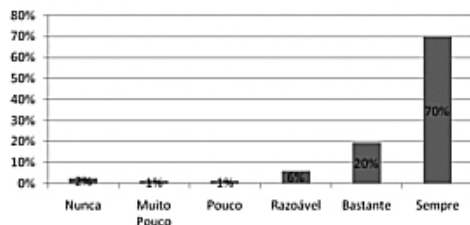


Gráfico 10: Desligo as luzes e/ou ventiladores quando sou o(a) último(a) aluno(a) a sair da sala

Na penúltima afirmação “Incentivo as pessoas nos cuidados necessários para a conservação dos espaços da Universidade” também obtive um resultado a qual achei muito positivo, mesmo considerando os 34% de respostas “pouco” e “muito pouco”. Quando se trabalha com educação ambiental, não se espera resultados altos quantitativamente, espera-se que alguém seja de fato tocado com a experiência ambiental e desperte para novas atitudes mais sustentáveis. Se em uma experiência de educação ambiental com um grupo de vinte pessoas, um for tocado pela vivência e mudar o seu comportamento diante do ambiente, já é relevante, pois dará exemplos de boas condutas para algum familiar, que seguirá o exemplo e tornar-se-á de exemplo para o vizinho e assim por diante, seguindo como multiplicadores de condutas ecológicas nesta complexa teia de relações da qual fizemos parte.

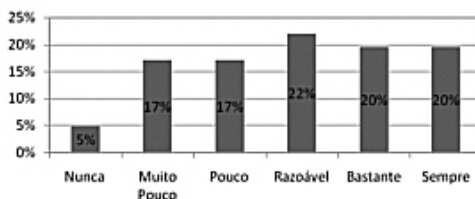


Gráfico 11: Incentivo as pessoas nos cuidados necessários para a conservação dos espaços da Universidade

A última afirmação do questionário, “Quando faço impressões nos laboratórios de informática, utilizo os dois lados da folha”, não dependia somente de uma boa

intenção dos participantes, mas também da permissão ou motivação dos laboratórios de informática de suas Unidades Acadêmicas. Neste resultado, o gráfico a seguir mostra um equilíbrio maior em relação aos anteriores, onde todas as opções de respostas ganharam uma porcentagem significativa de votos. As opções “nunca” e “sempre” tiveram uma diferença de apenas 3% e a soma de “razoável” e “bastante”, que condizem positivamente, se sobressaíram à soma de “pouco” e “muito pouco”, que apontam para um comportamento negativo a esta questão.

No entanto, levando em consideração que as questões deste questionário são relacionadas ao campus universitário, havendo alguma possibilidade do usuário optar por impressão frente e verso, mesmo que seja em raras ocasiões, é porque o laboratório de sua unidade acadêmica possibilita esse tipo de impressão e, com isso, não há um impedimento por parte deste setor. Falta, talvez, um incentivo a esta prática por parte do laboratório ou uma atitude mais ecológica por parte do próprio aluno.

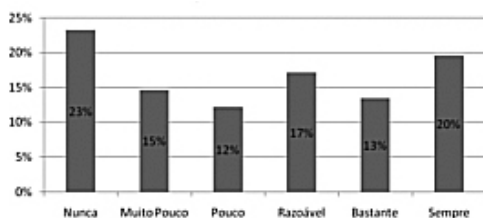


Gráfico 12: Quando faço impressões nos laboratórios de informática, utilizo os dois lados da folha

A transformação na percepção

Finalizado o percurso de caminhada, os participantes eram conduzidos para um local onde era possível sentar-se abaixo de uma grande árvore, que faz parte da paisagem original da Universidade. Este momento permitia uma conversa sobre a percepção de cada um desta experiência e o que havia mudado para eles. Este momento também era propício para uma pequena discussão sobre comportamentos pró-ambientais dentro da Universidade e sobre o papel da Instituição frente às problemáticas ambientais locais e globais.

Ao final, os participantes eram convidados a escrever um comentário sobre a atividade, o que resultou numa leitura muito positiva da trilha, conforme alguns trechos abaixo.

[...] Acredito que a proposta de pesquisa de mestrado “Viva esse Campus” foi muito feliz ao propor e conduzir essa trilha ecológica e sistêmica, a qual desafiou os modelos mentais dos “trackers” com o intuito de estimular novas “lentes” que irão, certamente, alavancar novos processos de ensinar e aprender. É importante salientar que saímos dessa singela experiência com uma série de novos conhecimentos e visões que foram compartilhados pelos organizadores da pesquisa, e, ao mesmo tempo, convictos de que podemos contribuir com a transformação das “lentes” dos próprios pesquisadores. Ou seja, vivenciamos aí uma mais uma prova da indissociabilidade entre os movimentos de pesquisa e de ensino. (E.Z)

Após realizar a trilha, quando volto ao campus eu presto mais atenção aos itens e locais apresentados naquela ocasião. Fiquei realmente impressionado com a organização dos ambientes, saber que os jardins no estilo francês e inglês, que até então não faziam sentido para mim, foram pensados e recebem manutenção com periodicidade. Assim como entender que as árvores frutíferas possuem um papel na dia a dia do campus. Sobre esse último item ainda, eu não tinha ideia que existiam tantas árvores frutíferas no campus, além disso, elas são de acesso público, qualquer um pode colher. Pretendo usufruir desta fonte até então desconhecida. (R.M) [...]

Gostamos muito da trilha, pois além de perceber o campus com outro olhar, conhecemos alguns projetos voltados para o cuidado com o meio ambiente. Como no caso da coleta de lixo ou das energias renováveis. Então, o espaço do campus contribui ainda para uma aprendizagem de cunho ambiental, favorecendo à todos que fazem parte do campus, e ainda da sociedade em geral.

Ao caminharmos pelo campus, percebemos que a pesquisa é fundamental para o ensino. Nós não conhecíamos inúmeros tipos de árvores nas quais passamos ao lado todos os dias, por exemplo. E ainda, a trilha despertou ainda mais interesse em conhecermos os projetos sobre o meio ambiente.

Não sabíamos que a Faculdade de Engenharia tem pesquisas envolvendo os dife-

rentes tipos de energias, portanto, gostamos e vamos buscar mais informações para nos aprofundarmos no assunto. Quando os alunos vivenciam alguma experiência diferenciada e aplicada ao cotidiano a aprendizagem acontece naturalmente. (J.N; L.V)

Desde criança frequento o campus e já sou formada em psicologia, frequentando todos os dias durante quatro anos, e acredito que essa trilha, essa apresentação com este olhar, desde o início deveria ser feito. Sempre admirei a paisagem da PUC, mas a partir de hoje vou olhar com outro "olhar". (J.K)

Adorei o passeio. Há tanta coisa no caminho que percorremos quase que todos que diariamente e que não vemos... ou por pressa, ou por pensamentos longínquos, ou por não estarmos abertos para ver. Que bom que temos espaços tão bem preparados, cuidados e abertos para todos. Que bom termos oportunidade de participar de uma atividade como esta. Obrigada! (P.S)

A trilha foi uma excelente oportunidade para conhecer o espaço verde que temos à nossa disposição, além de fazer com que a gente se atente e preste mais atenção ao meio ambiente. (A.W)

Adorei o passeio, mas gostaria que este momento fosse aplicado no primeiro semestre, para aqueles alunos novos conhecer aonde permanecem durante anos. (J.A)

A proposta da atividade foi bastante interessante, as informações passadas pela responsável tiveram grande importância para uma nova forma de ver os percursos realizados aqui no campus, pena que esta proposta aconteceu somente no nosso último semestre de aula. (T.G)

Dentre muitos comentários, alguns chamam mais atenção pela forma sincera que expõem esses sentimentos transformados

pela atividade. É difícil nos dispormos a mudar o olhar sobre algo que não nos toca de alguma forma. E através das palavras dos participantes, fica claro que a abordagem feita na trilha foi importante para que isso fosse possível de acontecer.

Conclusões

A realização de uma atividade orientada externa à sala de aula mostrou-se muito interessante aos alunos, permitindo-lhes conhecer o campus sem precisar de um tempo extra para isso e ainda compreender a sustentabilidade sob diferentes olhares em um mesmo momento, já que os participantes eram de diferentes cursos.

A transformação na percepção do campus e o sentimento de pertencimento a este espaço foi relatado em muitos comentários após a trilha. As árvores frutíferas foram uma grande descoberta durante a trilha, assim como os projetos ambientais realizados na Universidade nas diferentes faculdades com equipes multidisciplinares.

Quanto a sensibilização para comportamentos pró-ambientais, a trilha teve um efeito muito positivo, oportunizando o debate sobre sustentabilidade nos dias atuais e sobre pequenas atitudes muito relevantes que podem ser incorporadas na rotina acadêmica.

Esta atividade proporcionou aos participantes um momento diferente de aprender e compreender sobre o espaço que habitam, ampliando a percepção do que os cerca, estreitando laços entre humanos e não humanos e mostrando a Universidade como uma Instituição preocupada com o seu impacto ambiental na sociedade, através dos projetos que ela apóia e realiza.

Devido ao impacto positivo desta atividade sobre os participantes, a maioria deles sugeriu que ela fosse incorporada às atividades da Universidade, principalmente para os novos alunos, para que eles pudessem conhecer o campus que vão estudar logo no início desta jornada. A PUCRS ainda não institucionalizou esta atividade, mas o Museu de Ciências e Tecnologias da PUCRS, que desenvolve muitas atividades lúdicas com crianças e adolescentes incorporou a trilha às suas atividades. Além disso, a trilha também é realizada ainda hoje a pedido de professores e unidades acadêmicas e o retorno dos participantes ainda é totalmente positivo.

Sobre o processo de ambientalização, ainda que os passos dados sejam primários em vista do longo caminho que há pela frente, é importante que as Instituições estejam abertas para que as mudanças ocorram de forma significativa. Na PUCRS, além da necessidade de avançar mais nos projetos ambientais já existentes e colocar em prática os que ainda não saíram do papel, há uma necessidade de avançar em um

Programa de Educação Ambiental para alunos, funcionários e professores, para que estes usuários conheçam e se envolvam com as ações e projetos ambientais desenvolvidos no seu campus. A circulação para além de sua unidade acadêmica favoreceria a integração e atuação do usuário no e com o campus, proporcionando, ao mesmo tempo, a reflexão dos alunos sobre a relação da sua futura profissão e as questões ambientais. A pouca tematização da questão ambiental nas disciplinas; a ausência de redução de descartáveis ou outros cuidados ambientais nos restaurantes, a precária preocupação de sustentabilidade na contratação de serviços e compra de materiais, bem como a adaptação por iluminação mais econômica das edificações e espaços externos e a falta de incentivo nos laboratórios de informática por economia na utilização de papel são exemplos de questões relevantes e que mereceriam a atenção de uma política de gestão e educação ambiental, tendo em vista a construção de um espaço educador-sustentável.

Referencias bibliográficas

- CORRAL-VERDUGO, V.; PINHEIRO, J.Q. Aproximaciones al estudio de la conducta sustentable, 2004.
- CORRAL-VERDUGO, V.; PINHEIRO, J.Q.. La definición del comportamiento proambiental. *La Psicología Social en México*. Vol. VIII, pp. 466-472. Guadalajara: MAEPSO – Asociación Mexicana de Psicología Social, 2000.
- DA SILVA, A.D.V. Sustentabilidade e educação ambiental na gestão da universidade. Tubarão, SC, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Mestrado em Educação. Universidade do Sul de Santa Catarina.
- DIAS, G.F. Educação Ambiental: princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 2000.
- INGOLD, T. Da Transmissão de Representações à Educação da Atenção. *Rev. Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.
- MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MERLEAU-PONTY. *Reflexão*, Campinas, n.91, p. 19-26, 2007.
- PATO, C.M.L.; TAMAYO, A. A Escala de Comportamento Ecológico: Desenvolvimento e validação de um instrumento de medida. *Estudos de Psicologia*, 2006, 11(3), 289-296.
- PATO, C.M.L.; CAMPOS, C.B. Comportamento ecológico. In: CAVALCANTI, S.; ELALI, G.A., organizadores. *Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011, p. 122-143.
- PUCRS. Disponível em: www.pucrs.br. Acessado em: 10 dez. 2011.